

Andressa Argenta

Doutora em Artes Visuais/PPGAV UDESC
IFRS – Campus Bento Gonçalves
E-mail: Andressa.argenta@bento.ifrs.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9641-4707>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7154071800822009>

Gabriela Ferreira Olaso

Mestrado em Teoria e Prática da Educação/ FHUCE, Uruguai
Administración Nacional de Educación Pública, ANEP, Uruguai.
E-mail: geferola@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2006-6168>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1370731411148519>

Resumo:

Uma proposição emerge do encontro interdisciplinar entre duas professoras de Montevideu, Uruguai, e Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul. Com uma instalação curatorial, este encontro se transforma em um momento de imediação, uma conexão que une as teses da artista Alcira Soust aos modelos contemporâneos de mediação cultural. A narrativa dos antecedentes, a experimentação e a reflexão sobre uma proposta formativa e investigativa impactam o projeto curatorial, assim como a pesquisa sobre a obra e a vida da artista e professora, de origem mexicana e uruguaia. A proposta é realizada nos Institutos Normais de Montevideu, nas carreiras docentes, e foca em uma palavra significativa: o nome próprio. Sua pronúncia, seu design visual e sua sonoridade tornam-se objetos de um jogo de poesia visual que nos permitirá refletir sobre o reconhecimento e a construção das identidades e do papel docente.

Palavras-chave: Alcira Soust. Mediação cultural. Proposição artística. Imediação Cultural.

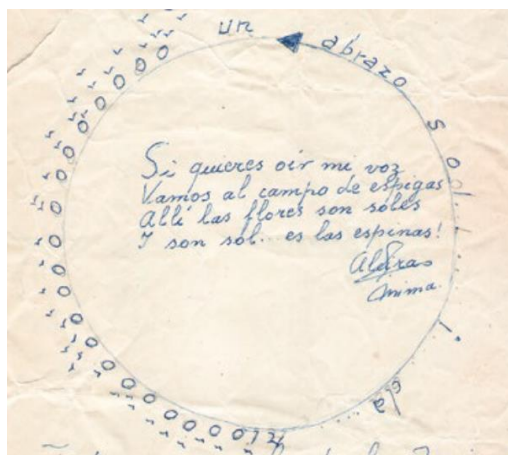
Abstract:

A proposition emerges from the interdisciplinary meeting between two professors from Montevideo, Uruguay, and Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul. With a curatorial installation, this meeting transforms into a moment of immediacy, a connection that unites the theses of the artist Alcira Soust with contemporary models of cultural mediation. The narrative of the background, the experimentation, and the reflection on a formative and investigative proposal impact the curatorial project, as well as the research on the work and life of the artist and teacher, who is of Mexican and Uruguayan origin. The proposal is carried out in the Normal Institutes of Montevideo, within teaching careers, and focuses on a significant word: the proper name. Its pronunciation, visual design, and sound become objects of a visual poetry game that will allow us to reflect on the recognition and construction of identities and the role of teaching.

Keywords: Alcira Soust. Artistic proposal. Cultural mediation. Cultural imediation.



Antecedentes: Semillas diseminadas por el sur



Si quieres oír mi voz
vamos al campo de
espigas
allí las flores son soles
Y son soles las espigas.
Alcira Soust

Imagem 01. *Si quieres oír mi voz*¹ Alcira Soust

Esta é uma reflexão sobre uma experiência compartilhada, escrita em duas vozes, entre professoras de formação docente com especificidades diferentes. A narrativa inicia-se com a tradução de um relato de Montevideu, elaborado em e para São Paulo (março de 2024), e a Rede+Arte na Pedagogia, assim como na tradução/trasladação de uma síntese realizada para o Encontro “Artesanías no educar”, em Caxias do Sul (abril de 2025).

Este traslado se efetua para as aulas no Campus Bento Gonçalves do Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Nesta última instância ou tradução, decidimos romper com a conferência e re-criar algumas experiências. Finalmente, geramos novas práticas que permitiram uma aproximação com o corpo e a afetividade, visando compreender as temáticas sintetizadas na conferência “Rumo ao re-encantamento do mundo: dimensões éticas e estéticas da formação em educação”.

Este diálogo foi possível graças à compreensão e à afetação profunda da professora Andressa Argenta na análise ética e estética das derivações montevidéanas da proposição Arte, Corpo, Cidade (Montevideu, 2023 e 2024, Rede+Arte na Pedagogia). Pelo menos três lutas sociais emergiram singularmente no estudo da experiência montevidéana realizada nos meses de maio de 2023 e 2024, na travessia urbana e na indagação nos fragmentos de arte por Bairro Sur e Palermo: as lutas contra a desigualdade racial, contra a desigualdade de gênero e as denúncias

¹ Disponível em: <https://alcirasoust.wordpress.com/2020/06/03/si-quieres-oir-mi-voz/> Acesso em: 16 set. 2025

contra o terrorismo de Estado. Estas últimas se manifestavam tanto no símbolo de uma flor, a margarida a que faltam pétalas (desenhada por Silvia Scarlato), quanto nos rostos dos desaparecidos, representados em pequenas fotos ou grandes murais, como o de uma estudante de magistério, María Emilia Islas Gatti. A outra singularidade da deriva montevidéana da proposição vincula-se à disciplina e à formação da docente Gabriela Ferreira, que não é de Linguagens Artísticas, mas de Pedagogia, disciplina própria do Departamento de Pedagogia, História e Filosofia da Educação.

No momento do ano em que transcorre a formação docente, isto é, em maio e na Unidade Dois, a fundação da escola dentro da modernidade, essa aproximação e vivência dentro do Museu escolhido, o Museu do Trabalho, Artes e Ofícios, recebe uma leitura coletiva ideológica, histórica e ética que poderíamos definir como decolonial. Poderíamos reproduzir essas experiências em uma língua estrangeira e de forma poética? Poderíamos sintetizar a constelação de opressões que se ensinavam na sala de aula e se verificavam pela pele dentro de um monumento à civilização moderna e à disciplina, em formas poéticas e com as vozes das estudantes? Brincando com a língua e a tradução, unimo-nos em algumas estéticas do Sul que fomos criando e que estamos ensaiando ao abrir um canal ou via cognitiva/compreensiva: a afetação sensível, estética e ética.

Um novo desafio resultou na tradução da biografia do Grupo Pedagogia, Arte e Cultura para as aulas para pedagogia no campus Bento Gonçalves do Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Decidimos escolher os conceitos e recriar alguma experiência decolonial sobre a voz — as canções que as estudantes receberam na infância — assim como a cartografia das decisões que conduziram as estudantes até este momento e lugar. Depois, lugar e não lugar sobre experiências na instituição: os espaços e momentos, tempos e práticas que abrigam e os que expulsam.

A politicidade na compreensão diante de cada rosto e alma, com dobras de desigualdade, silenciamento e delicadeza, tanto quanto esperança e desejos, é um espaço comum que permitiu criar e sustentar uma sala de aula que transformou uma conferência expositiva em uma “festa”, “um abraço” e “uma carícia” protagonizada por todas (Bento Gonçalves, abril de 2025).

Um projeto interdisciplinar sobre uma artista e professora uruguaia é a desculpa para que Andressa Argenta chegasse a Montevideu e desenvolvesse uma curadoria com ações de mediação cultural sobre Alcira Soust Scaffo. E novamente, surgiu o

desejo de experimentar em proposições tão lúdicas quanto poéticas: reencantando o mundo



Imagem 02 e 03. Arquivo pessoal, IINN de Montevideo, Uruguay



Imagem 04 e 05. Arquivo pessoal, IINN de Montevideo, Uruguay

Germinar en práctica poética

por qué
para qué
de dónde
aquí:
VINO



Sólo a eso VINO
A saber quién era
Si era sol o era luna
O si sol y la luna era
Alcira Soust

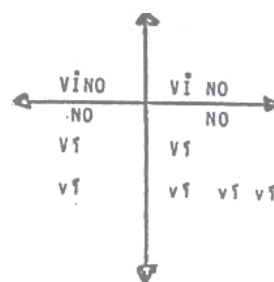


Imagem 06. Charrúa, Alcira Soust

Dia 03. Empezou com a vontade de estar de férias... Burocraticamente sim, e no estado emocional - de certo modo também -. Mas foi nesta oportunidade de cruzar a fronteira que entre o vento norte varrendo o iniciar de agosto que baixei ao Uruguai. Vento gélido. Estética do frio. Reconheço este vento. O sul.

Sou muito bem recebida pela Professora Gabriela Ferreira e sua comunidade, que me recorda os meus anos partilhando espaços e territórios com múltiplas pessoas, suas histórias e vidas. A casa é aconchego. É lar.

Gabriela me apresenta Alcira Élide Soust Scaffo. Uma mulher reconhecida por sua força, militante do movimento estudantil, da arte, da cultura e sobretudo da educação. Estas áreas se intercambiam potencializando-se. Começo grata pela oportunidade de soltar as asas à imaginação e poder desenhar ou como se diz aqui, — ou, como se diz no Uruguai, dibujar — com a poesia de Alcira Soust. Recebo-a como um presente, desses que encontramos no caminho e que nos atravessam como grandes vendavais, soprando movimento e reacendendo as errâncias necessárias para flaneusear en la vida,

flaneusea

flaneusear

ar ar

ra

erranciar

arre dar se

dar se tiempo



Imagem 07, 08, 09. Nueva curaduría sobre Escribir poesía, vivir dónde. Arquivo pessoal.

Frutas y flores: prácticas de proposición



Imagem 16, 17, 18 e 19. Proposição Dibujar con Alcira Soust. Arquivo pessoal.

Vestir-se de arte, de Alcira Soust, para provocar pensamentos e, ao mesmo tempo, permitir que a experiência do fazer invada, trazendo o desejo da experimentação, assim como o devir criança. Este é um desafio que todos fizemos, inclusive Andressa e Gabriela, com suas asas de janela.

Sonorizar a criação, verbalizar a grafia — um movimento nada fácil que nos convoca à estética, ao saber sensível. Jogamos e *dibujamos* em três classes diferentes, de tamanhos e intensidades variadas. Cada uma, ao seu tempo e em suas criações, resultou em apresentações distintas, onde um detalhe puxava outro, criando um grande emaranhado de sensações, das ancestralidades, dos porquês... Muitas estudantes conectaram com a possibilidade de criar e brincar com as crianças usando seus nomes. Parece simples, menor, mas abre variações para experimentações, trazendo potências e metodologias criadoras. Para Sílvia Gallo (2017), a educação menor é buscar um processo de educação comprometido com transformações no *status quo*.

“Así digo: el sol hila luna... el día hila noche... la vida hila muerte...
el eco hila voz... el sol hila sombra... el juego hila poesía... y más”
Alcira Soust²

Quando pronunciamos nosso nome, estamos realizando um movimento de vida, estabelecendo conexões com o enunciado de nós mesmos, o nome. Carregado de ideias, sensações e camadas de vida, o nome nos remete a diversas experiências. Alcira Soust nos provoca a pensar, criar e co-criar, gerando o acontecimento do próprio nome.

² Disponível em: <https://alcirasoust.wordpress.com/2021/01/09/tu-no-has-muerto/#more-1194>
Acesso em: 16 set. 2025

Como se joga, se brinca com seu nome? O que significa? O que traz? O que mais lembra? Assim, criamos uma rede de sensações e palavras que compõem o próprio nome.

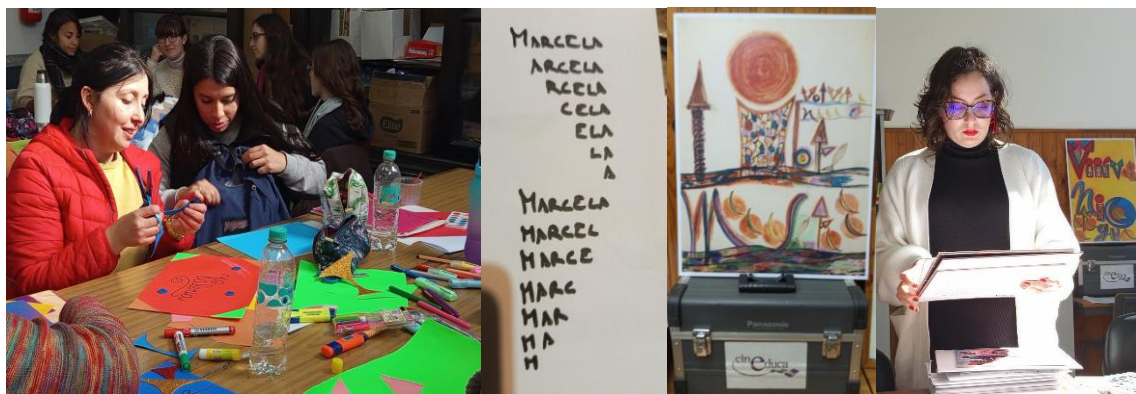


Imagem 20, 21, 22 e 23. *Proposição Dibujar com Alcira Soust. Arquivo pessoal.*

Para Argenta (2023), a imediação cultural é um convite às conexões com a vida, a arte, o espaço e o tempo, em que o pensamento deve ser provocado ou abalado para poder se movimentar, de modo a não apenas refletir, mas sim criar possibilidades em experimentações que levem à criação de algo por vir. Fazer do pensamento e da arte uma experiência com a imediação pressupõe o contato com uma força que nos retire do campo da reconhecimento e nos leve ao acaso, onde nada é previsível, rompendo nossas relações com o senso comum, abalando certezas e verdades. A imediação propõe o encontro com as coisas e com o mundo; é um movimento de exterioridade que abala o pensar, as convicções e percepções.

Assim, em três aulas de dois cursos, TAPEI e MEP, testamos a possibilidade, potência e riqueza de nossa proposta, além da melhoria de uma diretriz baseada em nossos diálogos sobre a obra de Alcira Soust. De repente, a obra da poesia visual nos remete a exercícios e jogos de uma alfabetizadora lúdica, tanto para a população rural e indígena quanto para nossas infâncias de seis anos nas salas de aula.

As letras são *designs*, mas também ideias ou hieróglifos, e podemos agir significativamente nelas; agir transformando-as em símbolos que nos representem ou que atuem entre elas. O ponto do "i" é, para Alcira, um sol; um sol de solidariedade e para o México. Um sol que, ao pintar um mural com Tamayo, diz que ganhou; uma experiência do sol que fica gravada em uma

vogal, ao menos, e em todos os seus cartazes efêmeros, situados nas lutas do movimento estudantil do México na década de 60. Daí, experiências singulares poderiam atuar e intervir no *design* de nosso nome ou de palavras significativas, e nos perguntamos e nos lançamos a investigar.

Decidimos escolher como palavra significativa o nome de cada estudante: apresentar-se oralmente é um começo, e recupero o exercício e argumento sobre a estima que precisamos, nós que trabalhamos em educação, legado da artista infantil Susana Bosch. Trata-se de brincar com um adjetivo ou substantivo que nos represente e que seja especialmente amável e carinhoso conosco mesmas: Gabriela Graciosa, Andressa Ativa, Sofia Suave, Tamara Tenaz, Loreley Livre, Aitana Alegre, Fiorella Forte, Sergio Simples.

Realizamos duas rodadas sonoras, adicionando mais e com ritmo, concentradas em adjetivos e substantivos: Gabriela Graciosa, Gacela, Gata... E nos lembramos de Rosalía e do rap, o ritmo e o jogo sonoro: tentamos desenvolvê-lo. Então, a proposta: nosso nome poderia nos apresentar e, diante de nossa convidada, que tem uma percepção visual como muitas de nossas infâncias, o *design* de nosso nome pode nos representar.

Com os materiais em comum da prática docente na escola, pedimos o Laboratório de Artes Visuais que possui mesas maiores e confortáveis. As estudantes se concentram, um pouco desconcertadas no início, a escrever seus nomes. Acabaram de vivenciar uma experiência muito impactante realizada por uma egressa, a primeira de origem indígena que se auto-reconhece em sua biografia narrativa e ensaio pedagógico de conclusão: Guidaí Vargas Michelena de Basquadé. A experiência foi realizada no MAM, Museu das Migrações (Uruguai), e as e os estudantes levaram para compartilhar e analisar fotos de seus ancestrais.

Consideramos que uma confiança e uma abertura a novas experiências, no final do curso, florescem; brotam diante das teses decoloniais que estamos ensinando e construindo. Assim, germina essa experiência com uma artista estrangeira dentro das salas de aula, brincando com o nome, aquilo que parece banal, mas é nossa identidade. Elas se dedicam com certa certeza ao mistério que lhes aguarda ao investigar outra imagem ancestral invisibilizada pelas leituras externas, homogeneizadoras ou hegemônicas. Um mistério que elas mesmas nos revelam quando Andressa conduz suavemente, mas

rigorosamente, o tempo do porquê de cada decisão no primeiro design do nome.

Chuva, fogo, sol e mar, símbolos de estar na escola (túnicas e laços, matemáticas e geografias, jogos e infâncias, música e animais), se misturam com borboletas, muros e muitos corações que querem dizer: “afeto, companheirismo, amor, vocação, vontade de estar aqui ou de me receber e sair daqui, desejo de ser professora, afetos que nos sustentam, afetos que me atravessam”. Afetividade e afetação em um símbolo tão fisiologicamente comercial que guarda, no entanto, um discurso de reconhecimento e pertencimento, de esforço, resistência e, por fim, de identidade.

Depois, a segunda parte: voltar sobre o som e brincar com a sonoridade de nosso nome. Uma palavra que soa diariamente, em diferentes vozes e ocasiões, que guarda partículas para associar e separar, unindo novamente a outros sons e sentidos. A participação convoca novamente sussurros, risadas e o silêncio característico de uma tarefa interna. Compartilhamos as descobertas e associações sonoras alcançadas, emergindo as formas como irmãs e amigos fizeram soar seus nomes, e as intenções e histórias em torno da decisão do próprio nome; a relação com os diminutivos e com as experiências vividas desde a infância, a amizade, o bairro, os romances e a escola ou a adolescência.

Mas também emerge a liberdade e o desejo de brincar e conjugar com sonoridades em deriva e fluxos: “Gabriela abri ela, abril hiel a, tamara mar ta, amar amarará”, mas também em rigoroso sistema visual e sonoro: “MARCELA, ARCELA, RCELA, CELA, ELA, LA A ALERCAM; Lara, ara, aral, lala, rara”, e os sons e designs tecem vegetais na folha.

Un campo de espigas para oír voces

Voltamos ao estudo e à preparação da curadoria, a obra lúdica de poesia visual de Alcira Soust adquire uma frescura atual, como se estivesse brincando entre nós; e, talvez, estivesse se apresentando a si mesma. Ela, em seu mundo político-poético, se revela em suas palavras, *designs* e sons diante de nós, diante de quem queremos pronunciar seu nome e imaginar sua proposição (formativa-pedagógica).

A tese e a proposta pedagógica de Alcira Soust; ou, de certa forma, Alcira Soust é sua tese e sua pedagogia na medida em que sua vida é esculpida e

desenhada à luz de sua intenção, desejo e aspiração de ser — não apenas fazer — simplesmente poesia. O que nos comunica a docente artista, com quem compartilhamos o ofício da pedagogia, e tentamos nos aproximar dela, entendendo em sua existência uma arte de intervir no mundo, com nossa singularidade e beleza.

para plantar para Fray Alberto Gracias Héctor ! Vale la pena haber -
nacido sólo por oír pasar el viento dice Pessoa sí vale la pena por ...
tú-voz por tú -silencio por este viento que me trae el eco (tan lejos
tan cerca) de los que andan haciendo un mundo donde se viva como seres
enteros fecundando lunas soles alumbrando lunas lunas alumbrando noches
fecundando silencios .

Imagem 24. Alcira Soust. *Miércoles, 11, 73*³.

Aprendemos a intervir no mundo e elaboramos enquanto oferecemos o banquete de Alcira, tornando-nos capazes de interromper o mundo com uma palavra-design-sonoro tão minúscula como é nosso nome, tão infinita como o sol e a solidão. Que sol nos abraça na solidariedade, em uma palavra tão bela que guarda calor para substituir a conduta racionalizável greco-norte-americana: empatia.

Quanto repercute de nossa casa-nome em cada história que relatam nossas estudantes e em seu *design* cuidadoso, caligráfico, árabe, enigmático, alfabético ou pincelado e grafiteado, redondo, sinuoso, singular!

Quanto ressoa sua sonoridade, recebida desde que nos acolheram e nominaram na sonoridade da esfera acústica, aérea, materna, plástica da exterioridade de um novo ventre, onde nos falaram, nos chamaram a vir a este mundo, a atender, ouvir, girar, parar, alcançar e correr atrás de um grupo que entra no monte, cruza a rua, para na esquina, sobe a escada, se aproxima do perigo, da espinha, do prego, do desnível, de se jogar a sopa em cima.

“Me chamaram. E agora estou aqui”, diz Yamila, sussurra Aitana, soa Isaac, sorri Loreley, conta Ludmila, que, entre todos os passos, gestos e quedas, diz: “estou aqui: Ludmila, mila, lila, minha lula, dama, ama, lu, lua, luz, lâmpada, lâ, lança, cama, má, ludo, lulo, rulos.” Evangelina, anjo, novemina, gelatina, mandarina, angina, lina, eva... Mariana, Mar, Iguana, Montanha, Ria, Rana,

³ Disponível em: <https://angelmiquel.com/2020/06/23/de-libros-y-algunas-personas-que-no-pueden-vivir-sin-ellos-14/> Acesso em: 16 set. 2025

Riana, Banhada, Melania. Romina, Romântica, Roma, amor, Radiante, Risueña, Risa, Ruda, Rosa, Renascimento, Resiliência. MELINA, MERLINA, RESINA, RAINHA, MELANINA, MELANCOLIA. Melany, memória, alma animada, melosa, ela, amendoim, melanina. Sofía, filosa, solía, fossa, fio, urso, ousada, sofía, melancia, alegria, confia, confiança, oferecer, flia. Gabriela, briel, mel, miel, pele, huela, ela, caçarola, rayuela, abri, abri e me caí. Saí e voltei! Lara, ara, ao ala do arrayã para o voo mais além.

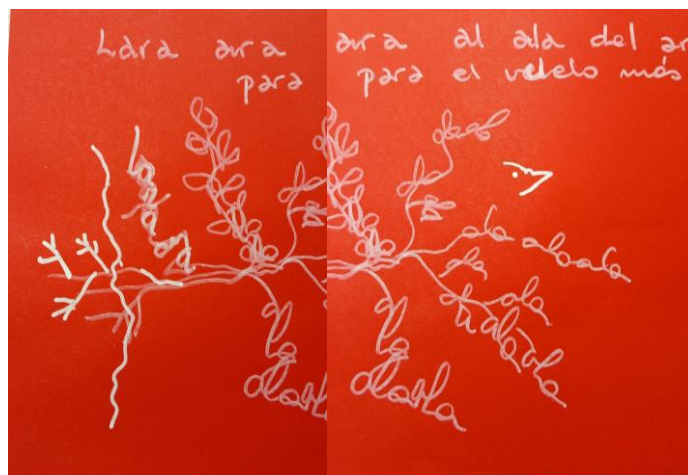


Imagem 25. *Proposição Dibujar con Alcira Soust. Arquivo pessoal*

Em uma prática poético-política, nos reconhecemos e fazemos reconhecer, orgulhosamente, o universo sonoro e visual que atravessa nossa história e nosso nome. Também a distância em relação ao pouco que se pronuncia e se valoriza da palavra que nos singulariza; lutas de reconhecimento e de violências, tanto quanto de afetos e resistências, se guardam na pergunta: como você quer ser chamada aqui?

Uma sensação nos invade, então, e algo se modifica em nós, diante do acervo doado pela sala de exposições do Subte, que instala o Curador do MUAC, Cuauthémoc Medina (Mvdeo, 2024), sobre a obra de curadoria e pesquisa de Amanda De La Garza, “Escrever poesia, viver onde?” no MUAC - UNAM (Méx, 2022). As ações de mediação cultural para o instituto nos provocam uma nova curadoria e curadoria educativa que iremos desenvolver em fases para tornar habitável uma instituição pública, massiva, não hospedeira das singularidades. Trata-se, afinal, da política e da tese poética de Alcira Soust: viver poesia, escrever onde?

Referências

ARGENTA, Andressa. **Mediação Cultural**: uma prática nômade. Orientador: Elaine Schmidlin. 2023. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – PPGAV, UDESC, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/17855>. Acesso em: 12 set. 2025.

BELAUSTEGUIGOITIA RIUS, Marisa. Pedagogía crítica, perspectiva de género y prácticas artísticas: la escritura del cuerpo del deseo en prisión. *In*: RITONDALE, Elena; ZABALGOITIA HERRERA, Mauricio (Coor.). **Pedagogías alternativas**: lecciones y transgresiones de la escritura del género en México (siglos XX y XXI). Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación, 2023. p. 61-90. Série: IISUE Educación. ISBN 978-607-30-8077-4.

DE LA GARZA, Amanda; MEDINA, Cuauhtémoc; CROSS, Elsa; SOUST SCAFFO, Alcira; SANTOS, Antonio; JACOBS, Bárbara; LANDEROS, Carlos. **Escribir poesía ¿vivir dónde?** Ciudad de México: Museo Universitario Arte Contemporáneo, 2018. Publicado com motivo da exposição “Alcira Soust Scaffo. Escribir poesía ¿vivir dónde?” (11 de agosto a 25 de novembro de 2018) MUAC, Museo Universitario Arte Contemporáneo, UNAM, Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 104 p.

EMAKBAKEA. Disponível em: <https://emakbakea.wordpress.com/2021/03/02/vino/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

MIQUEL, Ángel. **De livros e algumas pessoas que não podem viver sem eles**. Disponível em: <https://angelmiquel.com/2020/06/23/de-libros-y-algunas-personas-que-no-pueden-vivir-sin-ellos-14/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SOUST, Alcira. Disponível em: <https://alcirasoust.wordpress.com/>. Acesso em: 12 jul. 2025.